



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

SANDRO GARCIA

**“Eu tenho prá vendê quem qué comprá”: a feira livre e os
“mangaieiros” da Gameleira (Alagoa Nova-PB).**

Campina Grande

2012

SANDRO GARCIA

**“Eu tenho prá vendê quem qué comprá”: a feira livre e os
“mangaieiros” da Gameleira (Alagoa Nova-PB).**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba como requisito para a obtenção do título de
licenciatura em História

Orientador: Josemir Camilo de Melo

CAMPINA GRANDE-PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

G216e Garcia, Sandro.

"Eu tenho právendê quem quécomprá" [manuscrito] : a feira livre e os
"mangaieiros" da Gameleira (Alagoa Nova-PB) /
Sandro Garcia. – 2012.
31f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) Universidade Estadual da
Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Josemir Camilo de Melo,

Departamento de História”.

1. História Popular. 2. Mangaieiro-Feira Livre. 3. Campesinato- Alagoa Nova /PB.
I. Título.

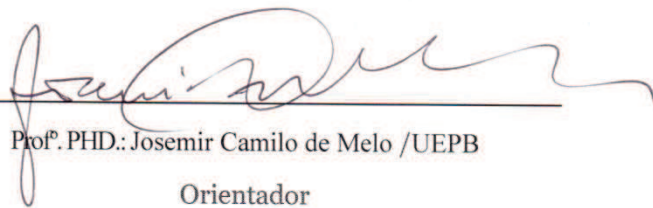
21. ed. CDD 908

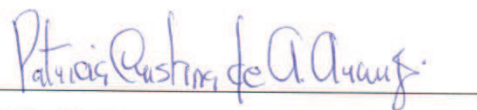
SANDRO GARCIA

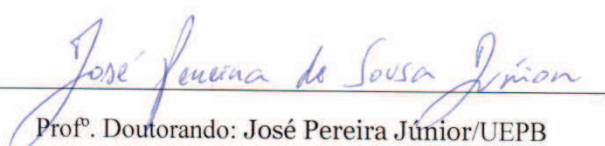
**“Eu tenho právelendê quem quécomprá”: a feira livre e os
“mangaieiros” da Gameleira (Alagoa Nova-PB).**

Artigo apresentado ao Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento a exigência para a obtenção do
grau de graduado em História.

Aprovado em: 05/12/2017


Prof. PHD.: Josemir Camilo de Melo /UEPB
Orientador


Prof. Dr.ª. Patricia Cristina de Araujo/UEPB
Examinadora


Prof.º. Doutorando: José Pereira Júnior/UEPB
Examinador

Resumo

A figura do “mangaieiro” é um significativo exemplo na ressignificação do campesinato, pois consegue incluir em sua renda mensal, através da venda de sua produção nas feiras livres, condições financeiras para prosseguir na atividade, ou seja, possibilita a sua permanência no campo, sem perder suas características de agricultor familiar. Essa história começou em 1935, com apenas um agricultor do Sítio Gameleira, que levava a sua produção no lombo de burro, hoje há cerca de setenta por cento dessa comunidade envolvida nessa atividade. Compreender essa forma de resistência nos coloca diante do desafio de tornar a história oral um documento reconhecido no propósito de conhecer histórias populares, colocando seus atores em evidência, através de entrevistas, tornando suas memórias fontes documentais capazes de explicar a sua própria trajetória. É importante lembrar que o campesinato é algo a ser compreendido principalmente no que se refere ao seu comportamento diante das novidades tecnológicas e econômicas. Esse estilo de vida, que soma o trato com a terra ao comércio, contribuiu não só com as melhorias financeiras das famílias envolvidas, mas com a construção da identidade e fortalecimento do homem do campo com a terra, pois mesmo trabalhando na feira em um dia da semana, ele passa os outros seis dias trabalhando e convivendo na sua comunidade.

Palavras chaves: Agricultura, Comunidade, Campesinato, História.

Abstrac

The figure of "mangaieiro" is a significant example for the reframing of the peasantry because you can include in your monthly income through the sale of its production in the free markets, financial conditions to continue the activity, ie, allows his stay in the field, without losing its characteristics of family farmer. This story began in 1935, with only a farmer Site Gameleira, leading his mule production, today there are about seventy percent of the community involved in this activity. Understanding this form of resistance confronts us with the challenge of making oral history a document recognized in order to find popular stories, putting his actors in evidence through interviews, making memories documentary sources able to explain their own trajectory. It is important to remember that the peasantry is something to be understood primarily in terms of their behavior in the face of technological and economic innovations. This lifestyle, which sum the deal with the land trade, contributed not only to the financial improvements of the families involved, but with the construction of identity and empowerment of the rural with the land, because even working at the fair in one day this week, he spends the other six days working and living in their community.

Keywords: Agriculture, Community, Peasantry, History.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Características camponesas do Sítio Gameleira.....	10
Influências da agricultura familiar na formação social e econômica do Sítio Gameleira	14
Os ‘mangaieiros’ e sua relação direta com o consumidor.....	16
Memórias de ‘mangaieiros’.....	19
Considerações finais.....	30
Referências Bibliográficas.....	32
Apêndices.....	33

Introdução

Um grande sucesso da música tradicional brasileira composta por Sivuca e Gloria Gadelha e posteriormente interpretada por Clara Nunes, "Feira de Mangaio"¹, ilustra essa cultura do vendedor de feira livre. O "Mangaieiro" é o camponês que trabalha em seu sítio e nos finais de semana, geralmente no sábado, leva seus produtos para a feira da cidade. No Sítio Gameleira, em Alagoa Nova-PB, essa figura é bastante recorrente, e por isso, nos últimos 60 anos, tem se tornado uma comunidade de "mangaieiros".

A hoje denominada agricultura familiar é uma forma de explorar a terra, que tem sido conhecida como agricultura camponesa. Esteve sempre ao redor dos grandes empreendimentos econômicos, no intuito de vender a sua produção para o sustento das pessoas que viviam em torno desses conglomerados, ou isolada em locais onde não havia interesse dos governos para a sua exploração econômica, devido à distância e o difícil acesso, tendo como principais personagens os brancos pobres e ex-escravos. A característica principal desses homens do campo é o regime de mão-de-obra familiar.

O campesinato é a unidade econômica que ganha seu sustento com o trabalho da terra, ainda que suas atividades possam ser também não agrícolas, tais como artesanais e comerciais, pode ser de natureza capitalista, vinculada ao mercado e empregar força de trabalho assalariado, em parte (PONTES, 2005, p 36). O modo camponês de explorar a terra sempre teve uma forma específica de trabalhar as questões econômicas dentro da sua unidade de produção. (CHAYANOV apud PONTES, 2005, p.38) dá destaque para a poupança pessoal da família, demonstrando assim que o campesinato não está preocupado apenas com os rendimentos da unidade de produção, mas também com o bem estar da família.

Queremos aqui analisar as relações campesinas e comerciais entre os agricultores familiares do Sítio Gameleira, situados no município de Alagoa Nova, no estado da Paraíba, com os consumidores das Feiras livres das cidades vizinhas, com

¹ SIVUCA/ GADELHA G. R Raízes Nordestinas: CBS, 1998. 1 cassete sonoro (60 min), 3 ¼ pps, estereo.

destaque para os municípios de Campina Grande e Esperança, que polarizam a grande região onde Alagoa Nova está inserida.

Para tanto, vamos pesquisar o período de 1935 a 2000, partindo do pressuposto de que no final da década de 30, o Sr. Manoel Pereira Barros foi quem começou a levar produtos de seu sítio e sítios vizinhos para a Feira Central de Campina Grande. Logo foi chamado de mangaieiro pelos outros membros da comunidade, pois levava todo o tipo de frutas. Essa mistura de produtos, que pode incluir até artesanato doméstico, tem sido conhecida, regionalmente pela alcunha de mangaios. Na época, só havia esse mangaieiro para fazer essa tarefa, a comunidade vivia de plantios e criações para a subsistência e venda do excedente, inclusive, boa parte dessas famílias de agricultores vendia suas produções a ele. Hoje, cinquenta e sete anos depois, a situação é outra, cerca de setenta por cento da população teve a mesma ideia de seu Manoel.

Usamos como método para essa pesquisa quatro entrevistas com agricultores que fazem uso dessa prática. Destes, dois foram pioneiros nessa tarefa, e os outros dois que aderiram a ela. Perguntamos o porquê de essa atividade ser tão presente na vida da comunidade, e o que levou cada um desses entrevistados a tomarem a decisão de vender a sua produção diretamente ao consumidor, questionando também qual a mudança que essa prática provocou na família de cada um destes.

Como a nossa pesquisa está baseada na história oral, ou história do tempo presente (VISCARDI, 2006), consideramos que a prática de entrevistas nos dá a dimensão da importância desse jeito de fazer história, confirmando essa nova forma de construção do conhecimento, bem como a contribuição da memória popular na construção do documento histórico. Essa pesquisa, portanto, está baseada na história de vida dos que compõem a comunidade de Gameleira, e tem na atividade de camponês-feirante “mangaieiro” a construção de sua identidade.

A ligação entre história oral e história de vida são realizadas com base em entrevistas de histórias de vida. Os exemplos são inúmeros e dão uma boa ideia da variedade dos temas que podem ser abordados neste campo e com esta metodologia. (VISCARDI, 2006, p.23)

Montamos essa pesquisa levando em consideração a memória dos agricultores e agricultoras envolvidos nas práticas de agricultura e comércio. A entrevista principalmente com pessoas simples, como é o nosso caso, nos coloca diante de alguns desafios, tais como a falta de confiança que os entrevistados têm com relação ao entrevistador, que lhes fora revelados.

A memória, há muito tempo, tem sido objeto de estudo de uma enorme diversidade de áreas: filosofia, anatomia, fisiologia, biologia, bioquímica, psicofísica, psicologia, neurologia, neuropsicologia, lingüística, informática... Grande parte das abordagens sobre esse assunto mira-se no indivíduo e focaliza cada vez mais o seu olhar para dentro dele: o cérebro, a anatomia do cérebro, as redes neurais, o neurônio, os mecanismos pré e pós-sinápticos. (BRAGA, 2000, p.23)

Acreditamos que a importância da construção social e econômica dessa comunidade que pesquisamos, dá-se pelo fato de ser a prática de “mangaieiro” mais uma alternativa encontrada pelo campesinato, para continuar a sobreviver dentro de uma sociedade capitalista e altamente tecnológica, onde parece não haver espaço para um estilo de vida tão antigo.

Características camponesas do Sítio Gameleira

O Sítio Gameleira está situado no município de Alagoa Nova, há 140 quilômetros de João Pessoa, capital paraibana, e a 30 quilômetros de Campina Grande a segunda maior cidade do estado. Alagoa Nova tem uma população estimada em 20 mil habitantes, quanto à posição geográfica, está situado na mesorregião do Agreste paraibano, mais precisamente na microrregião do brejo deste estado, à 630 metros de altitude.

O clima brejeiro (chuvoso) aliado a solos férteis proporciona a este município a condição de grande produtor de frutas e hortaliças, destacando-se as frutíferas perenes como banana, jaca, caju e ultimamente a produção de citros, mais precisamente laranja e limão, além de hortaliças, como: alface, couve e repolho. Localizado à seis quilômetros da sede do município, têm todas essas características citadas acima que identificam esse município, somando-se a isto uma grande peculiaridade, pois cerca de 70% das famílias

que ali residem comercializam sua produção agropecuária em feiras livres nos municípios circunvizinhos.

As características camponesas dessa localidade são possíveis de serem vistas nas práticas dos “mangaieiros”, pois (CHAYANOV apud PONTES, 2005, p.42) considera o seguinte:

O camponês cede parte de seu trabalho excedente à sociedade, sendo esta a causa de que não acumule capital. O camponês transfere seu trabalho excedente e, algumas vezes, parte do trabalho necessário à sua reprodução, porque não inclui seu trabalho como parte substancial dos custos de produção; daí a razão pela qual onde predomina a pequena propriedade, o preço comercial nunca chega a cobrir o valor dos produtos. Chayanov parte de outro pressuposto, mas chega à mesma conclusão: a falta de acumulação de capital. Para ele, o camponês deixa de trabalhar quando produz o suficiente para poder comprar o que necessita; por outro lado, este pressuposto está no modelo de Marx da circulação simples de mercadorias.(CHAYANOV apud PONTES, 2005, p.42).

Os camponeses do Sítio Gameleira comercializam a sua produção, não preocupados necessariamente com o acúmulo de capital, mas com a sua própria reprodução, ou seja, a subsistência.

A relação produtor-consumidor se materializa na comunidade com o fato de os produtos que são oferecidos pelos “mangaieiros” serem perecíveis, como frutas e verduras, e que devem ser produzidas numa espécie de cinturão verde que envolva as cidades, devido à impossibilidade de formação de estoques e de transportes a longas distâncias, e por isso esses produtos devem chegar semanalmente na mesa dos consumidores. Essas características mantêm a ligação constante entre feirantes-produtores e consumidores.

O que também garante as características camponesas a esta comunidade, é o fato de esta localidade ter sua produção tradicionalmente calçada na agroecologia, não por decisão política, ou baseada em um estudo científico, mas por que foi assim que aprenderam com seus pais e avós, aprenderam acima de tudo, que a natureza, principalmente o solo e a água, são bens inestimáveis. A agroecologia não é uma proposta pronta, mas a ser construída a partir das experiências que os agricultores já têm

acumulados durante a sua longa experiência. Sobre isso, escreve (CAPORAL,2004, p.45)

Aagroecologia se consolida como enfoque científico na medida em que este campo de conhecimento se nutre de outras disciplinas científicas, assim como de saberes, conhecimentos e experiências dos próprios agricultores, o que permite o estabelecimento de marcos conceituais, metodológicos e estratégicos com maior capacidade para orientar não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis, mas também processos de desenvolvimento rural sustentável. É preciso deixar claro, porém, que a Agroecologia não oferece, por exemplo, uma teoria sobre Desenvolvimento Rural, sobre Metodologias Participativas e, tampouco, sobre métodos para a construção e validação do conhecimento técnico. Mas busca nos conhecimentos e experiências já acumuladas, ou através da Investigação-Ação Participativa ou do Diagnóstico Rural Participativo, por exemplo, um método de intervenção que, além de manter coerência com suas bases epistemológicas, contribua na promoção das transformações sociais necessárias para gerar padrões de produção e consumo mais sustentáveis.(CAPORAL, 2004, p.45).

É nessa busca pelas práticas tradicionais que observamos que o Sítio Gameleira, reúne diversos aspectos congruentes para a caracterização da agricultura ali praticada, denunciando assim, que esta agricultura é de produção agroecológica, claro que não de uma forma definitiva, já que não se pode desenhar um modelo de agricultura camponesa. Isso porque ela muda de comunidade para comunidade, e até de propriedade para propriedade, pois cada uma dessas depende de características bastante peculiares, como: solo, disponibilidade de água, condições de acesso e quantidade de terras que varia, dependendo da comunidade e da propriedade.

Dentre as características que já citamos, o Sítio Gameleira tem vias rodoviárias bem razoáveis para os padrões das estradas vicinais desta região. Esta condição, aliada à proximidade de Alagoa Nova e de Campina Grande, facilita o escoamento da produção desta localidade, não só por conta da facilidade de transporte, mas principalmente pelo

motivo de as frutas e verduras chegarem à mesa do maior mercado consumidor da região, Campina Grande, numa média de 40 minutos. Como já vimos, estas particularidades tornam também esta comunidade, uma fornecedora em potencial de um mercado que está em franco crescimento, que é o que exige produtos de qualidade, e sem nenhum produto que venha a causar qualquer dano à vida das pessoas, já que quem produz é a própria família, e o roçado fica a poucos passos da cozinha de quem produz.

Neste contexto, podemos considerar como importante o fato de o local em questão, ter dois grandes “carros chefes” da economia dessa comunidade. No entanto, é bom lembrar que se planta muitas outras culturas de subsistência que não têm expressão econômica, como é o caso do milho e do feijão, que são plantios inevitáveis para famílias que sempre comem pamonha e canjica feitas com o milho plantado no monturo (local próximo a casa, geralmente nos fundos, onde se joga restos de culturas e a cinza do fogão) no dia 19 de março, dia de São José, dia em que geralmente chove, e é a “conta certa” para o milho estar maduro no dia de São João; ou um feijão verde, colhido logo que o grão estiver granado, mas ainda antes de secar. Essa tradição alimentar é marca registrada na alimentação dos camponeses, para tanto estas culturas não precisam ter importância econômica. Podemos ilustrar essas colocações com as palavras de (GAZOLLA, 2004, p. 25):

Nessa perspectiva, o campesinato não é destruído totalmente pelo capitalismo, pois este extrai a renda da terra com a monopolização do território camponês. No contexto da negação da expropriação pelas lutas e resistências, os camponeses recorrem a práticas de produção de subsistência e autoconsumo para garantir a sua existência. Os assentamentos de reforma agrária são exemplares na recuperação de práticas camponesas como a produção de autoconsumo. Esta produção de autoconsumo também possui um conteúdo negador das relações capitalista de produção. Porque essa produção não está subordinada na esfera da circulação de mercadorias. (GAZOLLA, 2004, p. 25).

Os municípios do agreste têm por característica a grande população rural, sendo esta de importância econômica indispensável para os municípios onde estão inclusas. Historicamente nesta localidade, as famílias vivem do que colhem em suas pequenas propriedades, o básico para a sua alimentação. Podemos citar aqui o caso emblemático da farinha de mandioca, que é base do alimento da população que vive nessas

localidades, e fez com que se multiplicassem as casas de farinhas, que são pequenas fábricas rudimentares usadas para o beneficiamento deste produto.

Podemos considerar que os agricultores de base econômica familiar não avançaram tecnologicamente, principalmente porque a tecnologia está voltada para a produção de capital, e não para manter o sistema camponês de produção. Quanto a isso, vejamos o que diz (CHAYANOV apud PONTES, 2005, p.40) que expõe a questão da seguinte forma:

A análise de Chayanov tem duas importantes conseqüências empíricas. A saber: sob que condições a nova tecnologia será aceita pelos produtores camponeses? A primeira hipótese que se desprende de sua teoria é a de que não somente é válido o argumento de que a tecnologia é boa, mas permite também um rápido aumento da produtividade do trabalho. (CHAYANOV apud PONTES, 2005, p.40).

Considerando que o jeito de produção não mudou muito do camponês do século passado para os agricultores familiares de nossos dias, notamos que a preocupação de (CHAYANOV apud PONTES, 2005, p.40) sobre a implantação das novas tecnologias na produção camponesa na década de sessenta, é um indício da resistência que estes sempre tiveram com relação a esta questão. É muito fácil convencer alguém que quer acumular capital aderir a novas tecnologias, o difícil é implantar novos modelos em um sistema produtivo que vai além das questões econômicas, talvez isso tenha sido o segredo da resistência dos camponeses.

Influências da agricultura familiar na formação social e econômica do Sítio Gameleira

A agricultura familiar é historicamente caracterizada pela diversidade em seus cultivos agrícolas e de suas criações pecuárias, que são em geral atividades complementares. Já o mesmo não acontece com o agronegócio, que trata estas atividades produtivas apenas como agricultura de mercado, e nesse caso essas duas atividades são vistas de forma distintas, ou seja, exceto raras exceções, o agronegócio

tem unidades exclusivas para pecuária ou para agricultura. De modo geral, a monocultura também é característica desta agricultura, que é exclusiva para o mercado, de uma só cultura agrícola ou pecuária.

Outra particularidade da agricultura familiar é a mão-de-obra que sempre se apresenta como sendo de exclusividade dos membros da família, ou seja, nesse aspecto, a agricultura camponesa não depende de força externa para produzir em suas pequenas propriedades. A família camponesa envolve todos os seus membros nas tarefas da unidade familiar de produção, em que os afazeres domésticos e econômicos se confundem.

Uma das características mais marcantes do modelo de agricultura camponesa, que tem a sua mão-de-obra baseada na economia familiar, é a forma agroecológica da produção, ou seja, não usa adubos químicos ou produtos sintéticos (agrotóxicos) para o controle de pragas e doenças, tornando esta forma de tratar a terra e a produção dela extraída bem mais simpáticas a uma grande parcela do público consumidor de alimentos, que cada vez mais está se preocupando com a qualidade do alimento que chega até a sua geladeira.

Também é bom compreender que os cultivos que os camponeses escolhem para produzir não obedecem aos critérios econômicos ou produtivos, mas sim a necessidade que a família tem dentro da propriedade, que pode ser econômica, mas em primeiro plano, atende aos critérios de sustentabilidade, que é a forma respeitosa que esses agricultores têm com a terra. A agricultura camponesa tem características milenares e vem vencendo etapas em um mundo onde as novas tecnologias e a modernização dos sistemas financeiros e de produção tendem a excluir essa forma de sobrevivência e de explorar as terras agricultáveis.

Por estar distante do mercado financeiro formal, há pensadores que preferem afirmar que a agricultura de características camponesas seria na verdade mais bem denominada como agricultura familiar de subsistência, como diz TAVARES.

A prática de uma agricultura familiar com essas características está muito longe da realidade em que vive os pequenos e médios produtores do sertão paraibano. Assim sendo, a considerar a realidade presente, seria mais correto, que, ao invés da denominação “agricultura familiar”, melhor seria usar a expressão “agricultura familiar de subsistência”, dado

os baixos rendimentos auferidos, bem como a desvinculação desse tipo de exploração agrícola do mercado consumidor formal.(TAVARES, 2008, p. 27).

Mas, na verdade, o sistema de produção camponesa não tem condições de melhorar a sua forma de se portar no mercado financeiro, pois não está incluído nele, ou seja, desde as características de mercado até a matriz tecnológica estão todos a serviço do sistema do agronegócio, sendo assim, as máquinas, as sementes, os insumos químicos e outras partes importantes em um sistema de produção estão todos à serviço da forma mercadológica de encarar o setor primário.

Dentro desta compreensão, podemos destacar o volume de financiamento que o governo brasileiro vem historicamente destinando à agricultura de mercado, e por consequência, a agricultura familiar vem sofrendo com recursos sempre inferiores ao necessário para viabilizar a sua reprodução econômica. Mesmo não tendo o apoio necessário, a agricultura familiar coloca 70% dos alimentos na mesa dos brasileiros, o que demonstra a potencialidade deste modelo de produção.

Os ‘mangaieiros’ e sua relação direta com o consumidor

Historicamente, o agricultor de base econômica familiar não tem tradição de comercialização, pois o comércio é notadamente uma arte que requer conhecimento que vem da experiência nesta área, o que não é possível para o pequeno agricultor, que tem por herança o isolamento em sua propriedade, sem ter acesso aos meios de comunicação de forma tão incisiva, como é o caso dos centros urbanos. E quando essa informação chega, é geralmente em forma de entretenimento, e não em forma de jornalismo especializado, como acontece com o agronegócio, por exemplo, que tem inclusive canais exclusivos de notícias.

Estas informações são de utilidade indispensável quando se trata de saber dados, como bolsa de valores, câmbio e outras informações financeiras que poderiam facilitar a relação deste cidadão com o comércio. Por outro lado, o camponês no decorrer do tempo ficou alheio à educação, pois vive em lugares íngremes, onde comunicação e acesso são

recursos raros, situação que deixa o produtor rural com uma grande leva de conhecimento empírico, mas uma lacuna muito maior na área de conhecimento técnico.

As condições supracitadas demonstram o grau de isolamento e falta de informação que os camponeses viveram e ainda vivem. Esta falta de informação e dificuldade de acesso é que, deveras, tem atrapalhado o lado comercial do pequeno produtor rural, pois quem produz deve, de forma categórica, se preocupar com a comercialização de sua produção. É assim que acontece com os industriais, por exemplo, que produzem produtos manufaturados e cuidam da comercialização de todas as formas, inclusive das exportações e mercados internos. Quando um grande produtor rural ou um mega empresário do setor industrial resolve produzir algo, a primeira atitude é fazer uma pesquisa de mercado para ver se a sua produção tem aceitação, e em quais os lugares ele fará chegar este produto.

O camponês, por outro lado, produz de forma sistemática, apesar de diversificado, produtos que seus avós produziam, como é o caso, por exemplo, da farinha de mandioca, que despencou de preço depois que a Bahia passou a produzir de forma industrial, deixando os agricultores paraibanos completamente fora do mercado isso porque a farinha baiana chega na Paraíba com preços menores do que quando fabricado no estado em questão, mas é possível ver pequenos produtores insistindo repetidamente nesta cultura como alternativa de mercado.

Como já salientamos o agricultor familiar não produz tradicionalmente para o mercado, mas sim para a subsistência e vendendo excedente; também sabemos que o pequeno produtor rural elege um carro-chefe para a sua propriedade, ou seja, uma cultura, dentre as tantas que produz, para o mercado. É nesse ponto que o agricultor familiar poderia buscar maiores informações para melhorar a produção de acordo com a sua propriedade, sem perder as características de pequeno produtor, que tem a sua relação de trabalho calçada na mão-de-obra familiar, em culturas diversificadas. No entanto, há uma grande resistência por parte dos agricultores familiares em aceitar qualquer forma de conhecimento técnico.

Para fazer essa ponte entre o agricultor e o consumidor, vemos a figura do atravessador, que geralmente é um sujeito que mora em um grande centro comercial, ou seja, com um mercado consumidor pujante; ou mora na mesma comunidade do produtor, mas tem um diferencial, tem meios de transporte e contatos para vender estes produtos. O atravessador é o agente que tem um excelente contato com o agricultor e se

relaciona da mesma forma com o consumidor ou com donos de grandes supermercados ou quitandas nos centros urbanos.

O mangaieiro (o que carrega mangaios²) geralmente é quem leva seus produtos para as feiras livres, mas, o transportador pode ser um produtor rural ou um simples atravessador que em tempo passados, traficavam os produtos alimentícios em animais.

Portanto, o agricultor feirante, aquele que leva a sua produção agrícola para vender em feiras livres, passou a ser conhecido como mangaieiro. No Sítio Gameleira, esta figura é bastante recorrente historicamente grande parte dos agricultores familiares dessa comunidade têm a prática de vender a sua produção para os habitantes das cidades circunvizinhas, como é o caso das cidades de Esperança e Campina Grande, além de Alagoa Nova e outras cidades com menos incidência.

Como já consideramos, a situação geográfica do sítio Gameleira é bastante privilegiada, o que ameniza a questão do acesso, que é um gargalo latente para a comercialização de produtos agrícolas pelos seus produtores. Também é bom salientar a contribuição dos engenhos que ficavam nas imediações desse sítio, que tinham muitos trabalhadores em suas terras cobertas pela cana-de-açúcar. Para estes, os produtos de subsistência eram produzidos em pequenas propriedades circunvizinhas, o que fortaleceu a vocação de policulturas de comunidades, como a da Gameleira.

É na comercialização de seus produtos agrícolas e pecuários em caráter de economia familiar, que tornam o Sítio Gameleira um diferencial em relação a outras localidades semelhantes a ele. Sem nenhuma sombra de dúvida, a comercialização é um gargalo que se apresenta em todos os recantos do Brasil, pois como já salientamos e citamos suas particularidades, a agricultura camponesa tem por tradição dificuldades de se relacionar com a comercialização.

Os agricultores familiares dessa região, geralmente, têm condições logo adquirirem produtos que melhoram a sua qualidade de vida, como por exemplo, a aquisição de produtos eletrodomésticos, automóveis e outros bens que aumentam a condição de fixação das famílias na terra. Nota-se também que o comércio em feiras livres já passa a ser uma cultura passada de pai para filho, e também, todos os agricultores sonham em um dia comprar um automóvel para seguir o exemplo dos outros agricultores que o cercam. Agora, os ‘mangaios’ são transportados não mais por

²A palavra mangalhos talvez proceda de mangual, instrumento para malhar cereais (CUNHA, 1991, p.495). Na região, o termo diz respeito a um instrumento para carregar frutas em animais de carga, feito de cordas amarradas em grandes cestos feitos artesanalmente, e são colocadas no lombo dos animais.

animais, mas por ‘caravans’, ‘D20’ e caminhões, dentre outros automóveis, adquiridos com recursos deste jeito de tratar a agricultura e seu comércio.

Ao observarmos as condições econômicas das famílias desta localidade, nota-se que a relação direta do produtor e consumidor traz para o camponês bons dividendos, o suficiente para demonstrar o quanto é possível romper barreiras e preconceitos de que os que vivem em lugares distantes podem tomar conta do processo de produção e de comercialização, o que pode mudar o rumo da história da agricultura familiar.

Memórias de ‘mangaeiros’

Para entendermos a história destes camponeses, resolvemos entrevista-los, levando em consideração suas memórias como fonte documental. É preciso reconhecer relação entre história e memória, e compreender que estamos tratando de um passado recente, e reconhecer a importância de tornar o entrevistado um sujeito histórico. Nesse sentido, veremos o que diz (VISCARDI, 2006, p. 24) sobre esse ponto,

A relação entre história e memória é amplamente debatida neste contexto de consolidação de novas abordagens que marca a década de 1980 e 1990, onde se inclui as preocupações com a distância temporal, o passado recente. O tempo presente trás o sujeito vivo para dentro do fazer histórico, aproximando-o do historiador.(VISCARDI, 2006, p. 24)

Para compreendermos a relação de agricultura e comércio, que no Sítio Gameleira criou a figura do “mangaieiro”, resolvemos entrevistar quatro deles. O primeiro é o Sr. Carlito Antônio Pereira Barros, filho do primeiro agricultor feirante da comunidade, que vendia seus produtos na feira central de Campina Grande. O segundo entrevistado é Seu Lula, que foi o primeiro agricultor a vender seus produtos na feira livre de Esperança e, por fim, entrevistaremos as agricultoras feirantes da nova geração, Silvia e Isabel, que vendem há quase uma década, respectivamente, na feira de Esperança.

O primeiro agricultor familiar a iniciar a atividade de feirante no Sítio Gameleira foi o Sr. Manoel Pereira Barros, conhecido na comunidade como “Seu Neco”, que no

ano de 1935 começou a levar produção dele e de outros agricultores familiares dessas duas comunidades para a Feira Central de Campina Grande. “Seu Neco”, como já salientamos, foi o primeiro de muitos que seguiram seu exemplo, chegando ao ponto de a comunidade ter cerca de 70% de famílias de agricultores vendendo em feiras livres da região.

Para sabermos mais sobre este pioneiro, entrevistamos seu filho, que ainda vive na comunidade (Sítio Gameleira), até a presente data, e foi feirante na feira Central de Campina grande e produtor rural em sua comunidade até junho desse ano, quando foi afastado de suas atividades devido a um problema de saúde.

Ele acompanhava o pai desde os oito anos e já comercializava a bastante tempo: “Eu comecei em sessenta; ele começou em 1935 (...) Quando ele parou eu assumi, mas meu pai já levava mangaio desde 1935 . Vendia fruta... no início ele carregava em animal... ia ele entre outros... aí vendia fruta, mamão, laranja, banana, macaíba, jaca, ingá, pitomba cruá”. Carlito Antônio Pereira Barros (59 anos) teve alguma escolaridade, pois estudou o ensino médio completo na Escola Técnica Redentorista, na época que seu pai começou a comercializar na Feira Central de Campina grande ele tinha oito anos de idade, ele nos recebeu para a entrevista no dia 12/10/2012, no Sítio Gameleira em Alagoa Nova-PB.

Algumas das frutas descritas por Carlito, hoje, estão sem valor comercial, como é o caso da macaíba, um coco oriundo da macaibeira, que tem um caroço com a amêndoa comestível; e envolta desse caroço tem uma massa bastante fibrosa, que pode ser degustada colocando-a inteira na boca e passar horas “remoendo”, ou cortar em pedaços e comer com açúcar ou mel de cana. A pitomba, popularmente conhecida entre os moradores do sítio Gameleira como “confeito de pobre”, é o fruto da pitombeira, um pequeno fruto envolto por uma casca dura, que é facilmente rompida, e dentro há um caroço envolto por uma fina membrana comestível.

O ingátambém, uma fruta do ingazeiro, que tem a semelhança de uma vagem de feijão, com cerca de seis grãos, envolto por uma membrana aveludada e comestível, o cruá também conhecido como melão-cruá e no Sudeste conhecido como jamelão ou melão caboclo, um fruto oriundo de uma rama parecida com um pé de melão ou melancia, cujo fruto tem aparência com berinjela e o sabor lembra o melão

Resolvemos perguntar ao Sr. Carlito como surgiu o nome mangaieiro. Ele nos responde que “Desde quando eu era criança que meus pais já falavam mangaieiro...diz esse nome para quem vende fruta, que luta com muita coisa fruta, legume, farinha.

O entrevistado cita o que mudou a partir das frutas: “(...) esse tipo de produto não se vende mais: É macaíba mesmo eu levava quarenta mil, fora os outros que levava,é,quarenta mil unidade, hoje não vende por causa da coxinha, bala, bolacha recheada, aquelas coisa né... pitomba, laranja cravo, vendia na porta da escola, aí hoje vende é bombom né, chocolate, cachorro quente, pastel... e a maioria dos pé de macaíba derrubar”.

Da agricultura, ele nos conta que “o que se produzia (era) para vender na feira: Produzia fruta...milho e feijão para a o sustento da família, e algumas fruterias para a fêra... pé de mamão , pé de jaca, de abacate, manga... aí essa fruta era para a fêra, feijão, mandioca, farinha ficava para o consumo, cinco dias a gente trabalhava na roça, na sexta de noite saia prá feira sábado em Campina”.

Perguntamos sobre o transporte, ele responde que no seu tempo já não se ia de burro:“É de burro eu não fui, mas eu ia de carro no caminhão, aí a gente encontrava na estradada aquela fila de burro de quarenta cinquenta burro, é a gente já andava em caminhão do pai dela (esposa e prima dele), eu, meu pai e um bucado de gente por aqui... vinha gente de Alagoa Grande, Matinhas a gente acompanhava no caminho, pela bêra da estrada carregando em burro, carregado com de muitas frutas... e tinha plantação de abacaxi ali no Geraldo e eles carregavam muito abacaxi ali, hoje não tem mais abacaxi no Geraldo”.

Considerando as falas de Carlito com relação ao meio de transportar os produtos, que durante muito tempo foi feito através de burros, perguntamos a ele em que época houve a mudança de burro para caminhão: “quando eu comecei ele já andava de caminhão... eu não tenho lembrança não... eu sei que ele e uns primo se combinava e se encontrava tudinho em um certo ponto pra não ir disperso”.

Tendo em vista o grande número de feirantes que existe na comunidade na atualidade, perguntamos se essa atividade foi sempre corriqueira na comunidade: “Não, era agricultor, vivia só da agricultura, ai tinha os atravessador que comprava os produto e levava para a fêra, ninguém daqui ia pra fêra, ai veio aumentando, veio aumentando, e hoje quase todo mundo aqui vai para a feira, vende além do seu produto e compra de alguém, hoje a maioria é feirante... vende na feira e são agricultor também”.

Acreditando ser de extrema importância saber desse detalhe, indagamos ao Sr. Carlito, se antes de seu Neco, o pai dele, ou mesmo no início desta atividade na comunidade havia outros vendedores de “mangaios”: “daqui da comunidade ia pai... ia o pai dela [esposa dele dona Gloria, que é também sua prima], Antônio Pereira, que era

o dono do caminhão, antes do caminhão só tinha... uns primo dele de outra comunidade, de perto de Matinhas que ia junto de animal e se encontravam lá no caminho e saíam de noite... quem chega primeiro coloca galho de mato na estrada (estrada que dá acesso a Campina Grande) para saber se o outra já tinha passado ou não, saía daqui da Gameleira de dez, onze horas da noite e chegava em Campina de seis horas do dia...daqui para Campina é trinta quilômetros...é...passava de seis horas prá lá, passava... passava a noite na estrada, prá não judiá dos burro”.

Esse é um ponto interessante na trajetória dos “mangaieiros” da comunidade, pois o fato de deixarem de passar a noite na estrada para chegar em uma hora de viagem na feira, é um divisor de águas considerável, pois antes da compra de um caminhão por parte do Sr. Antônio Pereira, apenas o Sr. Manoel, que era irmão de Antônio, enfrentava a estrada durante as longas madrugadas brejeiras: “Aqui só tinha pai e depois começou Antônio Pereira...era irmão, quando comprou um caminhão, antes do caminhão só tinha pai...o meu pai foi o primeiro mangaieiro daqui”.

A agricultura sempre foi uma atividade de risco no quesito regularidade financeira, pois os resultados satisfatórios dependem do clima, do mercado, de estruturas de transporte e estocagem, entre outros fatores. Quando essa atividade é feita por camponeses, essa questão se agrava ainda mais, pois esses não dispõem de aporte financeiro para auto financiar-se, as famílias dependem da safra de cada período para o sustento.

Nesse sentido, pergunto ao Sr. Carlito, qual era a importância econômica da venda de “mangaio” para a família e se essa atividade superava economicamente a renda da agricultura: “Era assim, pai tinha nove filhos cinco mulheres e quatro homens; aí de quinta a sábado meu pai vivia no comércio... no meio do mundo... e só trabalhava na agricultura de segunda a quarta, aí minha mãe, junto com os meninos era quem tocava a agricultura, plantar milho, feijão, mandioca, essas coisas era com a mãe e os filhos, depois eu fiquei na agricultura e fiquei negociando mais meu pai”.

Como já salientamos, a situação financeira das famílias camponesas torna se embaraçosa, devido aos fatores já mencionados. A decisão dos agricultores do Sítio Gameleira, iniciada pelo Sr. Manoel, de vender a sua produção agrícola nas feiras livres, foi uma alternativa para amenizar as dificuldades impostas pela atividade agrícola. Para tanto, perguntamos ao Sr. Carlito, se a sua família não tivesse a renda da feira, como seria a vida deles: “Eu prá mim... se ele fosse só na agricultura ele passava mais necessidade, sabe... por que na comercialização da fruta, toda a semana ele tinha uma

renda, e na agricultura depende muito de outras coisas, nem sempre você tem a produção que deseja... depende do tempo”.

A relação produtor consumidor é um tanto quanto interessante. Na atualidade, comprar diretamente do sujeito que planta em sua unidade de produção e vendem diretamente ao consumidor é sinônimo de aquisição de produtos saudáveis, e até se paga mais caro por esses produtos, mas na década de 1930-40 esse fetiche não estava em voga.

Mediante essa curiosidade, pedimos para o Sr. Carlito fazer um breve relato sobre a relação dele e de seu pai com a sociedade de Campina Grande: “É... meu pai levava frutas, frutas muito boas... aí tinha aqueles fregueses famosos... tinha fregueses empresários, dono de indústrias, dono de hospital, o doutor Maia, que a família era dona do Hospital Doutor Maia de louco né, dona Letícia que era dona da fábrica de papel Ipelsa, e tinha outros doutores que eu não lembro, pois as nossas frutas eram as melhores”.

O Sr. Carlito acompanhou várias etapas da feira, ficou de 1960 a 2012, nesse tempo a Feira Central detinha uma espécie de hegemonia na venda de frutas e legumes, hoje esse local de vendas sofre com vários fatores, veja as considerações dele a esse respeito: “Afêra de Campina era diferente...começava a vender de madrugada, hoje já começa lá para as seis horas do dia, as pessoas vinham de madrugada comprar... de três horas ou quatro já estavam comprando, pois as pessoas trabalhavam de sete horas e faziam a fêra antes...e ... tinha mais segurança, vendia muito não tinha supermercado, não tinha outra fêra, a única que tinha só era a de domingo na Prata, que era a sobra de feira central, mas hoje tem fêra em vários cantos, hoje tem mercado na Malvina, Arca Titão, Liberdade e tem a EMPASA”.

A EMPASA é um órgão estadual que centraliza a venda de frutas e verduras para Campina Grande e região. Antes isso acontecia informalmente, note o que Carlito diz a esse respeito: “ali no canal perto da feira central era onde chegavam os caminhões, burros, cavalos para descarregar, e o bairro do Alto Branco era mato para amarrar os cavalos...ali ficavam os animais amarrado enquanto vendia, as vezes o pessoal vendia mas não recebia na hora, os cavalos e burros ficavam ali esperando enquanto o dono ia tomar um café enquanto esperava para receber, eu me lembro como hoje”.

A comunidade do Sítio Gameleira, que até a década de 1960 era composta por camponeses, hoje é conhecida como uma comunidade de “mangaieiros”. Vejamos as explicações de Carlito a esse respeito: “a gente vendia várias frutas, ganhava uma

mixaria, aí as outras pessoas foram vendo e começaram a fazer o mesmo, foi quando surgiu a concorrência, o primeiro depois da gente Antônio Pereira, depois foi um Mané... Mané Cândido, que era da comunidade, quando começou o caminhão, antes do caminhão aqui na Gameleira e Barra só tinha pai, os outros era lá pros lados de Matinhas.

As comunidades camponesas são conhecidas por serem composta por pessoas de baixa escolaridade, e de pouca conversa. Essas pessoas tendem a ter maiores dificuldades devido ao pouco contato com os centros urbanos, mas essa relação que os “mangaieiros” criaram com a feira e seus fregueses parecem destoar desse conceito, vejamos o que Carlito tem a dizer sobre isso: “Com a área de engenho é diferente, é uma região mais montanhosa, onde tinha senhor de engenho e empregados que trabalhavam só na cana, fabricando rapadura e cachaça, e esses empregados viviam todos sujeitos àquele senhor de engenho trabalhava a ele...e vivia nas terra dele, hoje são terra de grande latifundiário, as pessoas não tinham como plantar pois a terra não era deles, morava na terra dos outros, só deixavam plantar no terreiro, por isso eu acho que a Gameleira se desenvolveu mais, pois a gente plantava novas culturas, que não era cana, aí apareceu banana pacovam e outras frutas, laranja, limão, o povo que trabalhavam em engenhos formam embora muitos para a cidade, as terras foram vendidas e passaram a ser criação de gado.

Notamos na fala do “mangaieiro”, que ele menciona o êxodo rural que acontece nas áreas que antes eram dominadas por engenhos em contraste com a Gameleira, que ficou à margem dessa forma de explorar a terra, portanto teve outras alternativas de plantios que beneficiaram seus moradores com um melhor resultado econômico, bem como, podemos perceber nesse relato, que a atividade de feirantes foi uma alternativa para que os agricultores dessa comunidade não migrassem para os centros urbanos.

Dentro dessa perspectiva, perguntamos como ele caracteriza as pessoas remanescentes das áreas de engenho: “Eu acho que esse povo é mais tímido, mais atrasado na comunicação, no comércio, depois que saíram do engenho ficaram em um pedaço de terra muito pequeno, outros foram para o Sul, fazer favela, quando acabou coma cultura da cana em Alagoa Nova”.

Compreendendo a importância do Sr. Manoel na condição de pioneiro como agricultor-feirante (mangaieiro) na comunidade, indagamos Carlito se ele considerava o exemplo de seu pai, como sendo o motivo que levou os agricultores do Sítio Gameleira a vender na feira também: “Foi o exemplo e a necessidade, pois vender na fêra livre dá

mais lucro, hoje 70% das famílias aqui da Gameleira vendem na fêra, o sonho do povo aqui é ter um banco na feira ou trabalhar nas Alpargatas aqui em Alagoa Nova”.

A fábrica São Paulo Alpargatas, tem uma unidade fabril na cidade de Alagoa Nova, onde emprega cerca de 400 funcionários, notamos nessa fala que o banco de feira (ponto de vendas) é tão importante para os agricultores da comunidade, que passa a ser um sonho, semelhante ao de ter um emprego de carteira assinada em uma grande fábrica.

Como já foi possível compreender nessa entrevista, as “mangaieiros” hoje sofrem grande concorrência dos supermercados e de outras feiras livres que foram surgindo. Perguntamos então qual é o diferencial do produto que eles vendem na feira livre: “Vendemos produtos sem veneno, mas na feira central não se faz diferenciação entre o produto da EMPASA e o que a gente produz, hoje temos outras feiras que dizem agroecológicas, como a da estação velha e a da universidade”.

Diante de realidade exposta na entrevista, resolvemos questionar o Sr. Carlito sobre o que ele pensa do futuro da Feira Central: “A Fêra Central era uma grande fêra, mas veio a do Parque do Povo com muita propaganda, que não tinha agrotóxico, as ferinhas cresceram e a Central diminuiu, e a fêra Central não tem investimento dos governos, não tem segurança e nem organização, nos mercados grandes tem cartão de crédito e na fêra não tem, e o agricultor não pode esperar 40 dias para receber como o supermercado faz. O pessoal que ficou freguês foi aqueles de menos poder aquisitivo”.

Nessa entrevista podemos observar o quanto à atividade de “mangaieiro” foi e é presente na vida da família do Sr. Carlito que tem seu pai como pioneiro e seu tio e sogro como o primeiro a adquirir um caminhão, para fazer o frete de produtos dos membros da comunidade até a feira essa tradição influenciou toda a comunidade do Sítio Gameleira, e por fim, um prognóstico pessimista sobre o futuro da feira Central, outrora símbolo de prosperidade, e agora visto com desesperança.

Nessa entrevista, quando perguntado quanto tempo vive na comunidade, o entrevistado responde: “É nasci e me criei aqui, e vivo até hoje”. Quando questionamos sobre a data em que ele iniciou as atividades de feirante ele responde apenas que a idade que tinha na época: “Eu tinha... trinta anos”. Calculando a partir de sua idade, ele iniciou sua atividade de “mangaieiro” em 1975. Pergunto também o que para ele significa e expressão “mangaieiro”: “É os que leva fruta pra feira né.” O Sr. Luiz Coreia (67 anos), foi o primeiro “mangaieiro” da comunidade que passou a vender a sua

produção para a feira livre de Esperança, ele estudou até o segundo ano primário, a entrevista realizada no dia 02/10/2012, no Sítio Gameleira em Alagoa Nova-PB.

Apesar de “seu Lula”, como é conhecido na comunidade, não ser de muita conversa, como Carlito, nosso primeiro entrevistado, aos poucos ele foi adquirindo confiança e passou a responder aos questionamentos com mais liberdade, pergunto então que o motivou a ir vender na feira, ao que ele responde: “Antes eu era só agricultor, fui para a feira, para melhorar os rendimentos, fui vender os mangaios na feira de Esperança, aí melhorou mais um poquinho né, aí tinha rendimento toda a semana”. O que significa dizer que a família tinha o dinheiro das despesas básicas toda a semana.

Perguntamos a “seu Lula” se quando ele iniciou a vender na feira de Esperança, haviam outras pessoas que faziam o mesmo na comunidade: “Não, aqui só tinha eu, seu Pedro e seu Edvando lá no Ribeiro (outra comunidade de Alagoa Nova, próximo à Esperança), no tempo que eu comecei só tinha Carlito que ia para Campina...aí tava tão bom, quando fechei o zóio, tava cheio de mangaieiro aqui (risos), aí impesto...todo mundo procurou a sua melhora né”. Apesar de compreender que essa adesão da comunidade, à atividade de “mangaieiro” aumentou a concorrência, ele entende as necessidades de seus vizinhos, não se reporta e esse fato com nenhum ressentimento.

Pergunto se as vendas na feira livre de Esperança mudaram, e se mudaram, foi para melhor ou para pior, e quais os motivos, a que “seu Lula” responde: “Ah...é por que tem muita agente vendendo agora, tem os mercado também, mas eu acho que a feira não se acaba, vai ficar do mesmo jeito, só que antes eu levava trinta milheiro de banana, hoje se levá não vende nem a metade, mas é por que tem muito mangaieiro”. Nota-se que segundo ele a culpa do enfraquecimento das vendas é o número de feirantes, e não outros fatores como foi o caso das respostas de Carlito com relação a feira central de Campina Grande.

Nessa perspectiva pergunto como eram as vendas quando o início de suas atividades como mangaieiro: Ah... vendia muito mais do que hoje, hoje se levá muito mangaio o cabra bóia né, antes eu levava jaca, jerimum, jabuticaba, caju, quando era tempo né, o que eu levava sempre era banana”. Nessa parte da fala de “seu Lula”, notamos a sazonalidade de muitas frutas, com exceção da bananeira, que produz o ano todo, mesmo diminuído em certa época. É importante também notar que o caju e a jabuticaba por produzem em épocas diferentes, proporcionando assim uma certa regularidade na renda semanal da família.

Considerando que “seu Lula” foi um dos pioneiros, e seu filho foi precursor na atividade de mangaieiro, resolvemos perguntar quando que ele parou de exercer a atividade e passou o bastão para o seu filho mais velho Joáz Correia e seus irmãos Joabe e Joacaz: “Já faz dez anos... coloquei os meu meninos no meu lugar, são eles que lutam na feira agora...eu só vou para não esquecer do caminho, fico lá só conversando besteira (risos). É importante atentarmos para esse fato, uma nova geração de mangaieiro surgindo. Em 2002 “seu Lula” deixa a atividade, com mais três anos se aposenta (2005), e seus filhos prosseguem em seu lugar até essa data.

Mesmo o nosso entrevistado não atuando diretamente na feira, vai todos os sábados, e é um exímio observador das mudanças que aconteceram ali, pergunto então se a freguesia que ele tinha no início, é a mesma que os meninos têm hoje: “Mudou...foram comprar de outros magaieiros, pois aumentou muito, aumentou muitos bancos na feira depois que eu entrei”. Quando perguntamos de onde eram os mangaieiros que se somaram na feira ele responde: “todos são daqui”. Mais uma vez notamos que para “seu Lula”, o futuro dos mangaieiros, não é tão obscuro como descreveu Carlito, notamos aí, que a feira livre de Esperança não vem como a de Campina Grande, segundo comparações das declarações desses dois entrevistados.

Como já consideramos na segunda entrevista, surgiu na Gameleira uma nova geração de “mangaieiros”, mas a maioria destes não são filhos de “mangaieiros”, são filhos de agricultores, que buscaram nas feiras livres uma alternativa para agregar dividendos à sua renda.

A nossa próxima entrevistada é exemplo de uma significativa mudança no perfil do “mangaieiros”, que antes eram em sua totalidade homens, agora passa a ser composto por mulheres também.

Perguntamos a ela qual o motivo de sua família vender na feira e não atuar apenas como agricultores: “Foi um meio mais fácil de sobreviver, antes eu era babá e meu esposo era cobrador de ônibus em São Paulo, eu era de Minas e Zé (esposo) era daqui da Gameleira, ele nasceu e se criou aqui, daí juntamos dinheiro para comprar uma terrinha aqui de três hectares e um banco na feira, no intuito de produzir para vender na feira, pois Zé sempre falava nessa tradição que o povo daqui tinha de vender na feira”.

Sílvia Fernandes de Oliveira (40 anos), ela é mineira que conheceu um paraibano oriundo do sítio Gameleira na cidade de São Paulo. Como acontece com a maioria dos camponeses, ela tem baixa escolaridade, estudou até o sexto ano do ensino fundamental. Ela frequenta a feira como feirante há oito anos, desde que chegou de São Paulo, com o

intuito de ser agricultora e vender a sua produção diretamente ao consumidor. Acabou vindo morar no sítio que tanto ouvia falar pelas lembranças de seu marido, ela nos deu essa entrevista no dia 02/10/2012, no Sítio Gameleira em Alagoa Nova-PB.

Notamos uma particularidade interessante, Sílvia e Zé fizeram o roteiro inverso do êxodo rural, os dois eram oriundos do campo, mas estavam por questões de sobrevivência morando em São Paulo. Para satisfazer essa curiosidade, pergunto se dinheiro que ela e seu esposo ganhavam em São Paulo, não era mais do que eles ganham aqui: Era... mas ele (o esposo), pensava em ficar perto dos pais, criar os nossos filhos aqui, por causa da tranquilidade, e pela educação, porque lá era mais difícil de segurar filho”. Verificamos nessa fala que o desejo de morar no meio rural ultrapassa às questões financeiras.

No propósito de compreender qual o motivo de a família ter se tornado feirante, perguntamos por que eles não se contentaram apenas com a prática da agricultura: “Trabalhamos como agricultores e o que colhemos vendemos na feira, porque você vendendo para o atravessador o ganho é menos, na feira não, você trabalha mais, mas compensa melhor”. Vamos além e questionamos: se fosse para a sua família viver só da agricultura, vocês teriam vindo de São Paulo para cá: “Não! Tinha ficado em São Paulo, e se fosse para comprar de alguém para vender na feira, também não tinha vindo de São Paulo”.

Para entendermos que noção ela tinha sobre o produto que vendia, perguntamos qual o diferencial dos alimentos vendidos por eles: “Eu acho... que o meu produto é melhor do que o que se vende no supermercado, porque eu sei o que estou vendendo, eu vendo eu que eu planto e o que eu como, e garanto”. Dá para entendermos que Sílvia tem consciência de seus produtos podem garantir mercado através do diferencial composto pela qualidade, já que a quantidade não é um trunfo de agricultores familiares.

Questionamos sobre o fato de Sílvia ter mudado da região Sudeste para a Paraíba, ter saído de uma grande cidade para morar em uma comunidade rural, ela responde: “Estou contente, não me arrependo...mudei complemente de região, meus pais eram agricultores lá em Minas, aí eu conheci Zé e casei em São Paulo... mas até o momento eu estou contente com essa decisão.

Perguntamos a Sílvia se nesses oito anos que ela vende produtos na feira, ela viu alguma mudança significativa, se as condições dos mangaieiros melhoraram ou pioraram: “Era como é hoje... acredito que vai continuar assim... e isso é bom, pois

garante o futuro da minha família”. Notamos nesse ponto da fala de Sílvia uma dicotomia com a fala de seu Lula, pois o mesmo considera que nos últimos trinta anos mudou muito, principalmente o fato de ter aumentado a concorrência, como faz apenas oito anos que Sílvia vende na feira, ela não viu essa mudança. Também notamos que ela é esperançosa com relação ao futuro da atividade.

A nossa quarta entrevistada, é mulher e mangaeira, Perguntamos por que ele, o seu marido, não vende na feira: “Porque ele é abusado (risos), não sabe tratar dos fregueses, se ele ficar no banco todo mundo reclama, vem falar comigo, pois para aqueles fregueses bons eu boto sempre passando da conta”. Isabel Miguel (44 anos) é também funcionária pública municipal, trabalha no posto de saúde da comunidade de segunda a sexta, e aos sábados trabalha na feira de Esperança: “há doze anos”, tem o ensino fundamental completo, nos recebeu para a entrevista no dia 02/10/2012, no Sítio Gameleira em Alagoa Nova-PB.

Perguntamos se antes de trabalhar com “mangaio”, ela era só agricultora: Não, eu era, e ainda sou funcionária pública, trabalho ali no postinho da Gameleira, agricultor é o meu marido, eu trabalho pouco na agricultura e em casa, nas horas de folga do postinho, e no sábado a gente vai para a feira em Esperança”. Verificamos nesse caso que a atividade de m “mangaieiro” envolve vários membros da comunidade, inclusive os que têm ordenado mensal, como é o caso de Isabel, mas que tem o marido agricultor.

Considerando o fato de ela ser funcionária pública e seu esposo agricultor, questionamos o porquê a sua família decidiu vender na feira: “Porque o meu pai tinha banana para vender, e ninguém queria comprar, pois todo mundo vendia os seus mangaios na feira, aí a gente foi vender as bananas de pai, continuamos até hoje”. Notamos aqui um fator interessante, a falta de atravessador para comprar os seus produtos e revender em mercados e feiras, pois todos os agricultores vendiam sua produção individual.

Na intenção de saber os impactos econômicos causados pela atividade de feirante (mangaieiro), pergunto se ele considera que o fato de ter adicionado essa atividade à renda doméstica, melhorou as condições de vida da família: “Melhorou muito, com certeza, pois só o salário mínimo que eu recebo, e os ganhos das coisas que meu marido planta, é muito pouco, pois agente planta nas terras do meu pai (onde moram também), e plantamos pouco, e compramos mais de outras pessoas para

revender, e a gente via todo o povo daqui vendendo os seus mangaios, fomos vender os da gente e os de pai, e aí fomos gostando e estamos até hoje”.

Para finalizar, perguntamos se ela pretende parar com esse trabalho algum dia; “Não! A feira é um bom complemento, a gente adquiriu um carro, e a vida melhorou muito, a feira aí, é uma ajuda a mais. Mais uma vez, notamos que os mangaieiros que trabalham na feira de Esperança, são otimistas com relação ao futuro desta.

Considerações finais

Neste artigo, analisamos a construção da figura do “mangaieiro”, bem como a sua importância para a comunidade em que ele vive. Também reconhecemos que o campesinato sobrevive ao tempo devido a sua forma de se resignificar diante de um capitalismo avassalador. Esse camponês que hoje é chamado de agricultor familiar é o resultado dessa resistência, bem como os “mangaieiros” representam uma estratégia de sobrevivência das famílias na condição de camponês.

No Sítio Gameleira, os camponeses colocaram em prática uma estratégia para sobreviverem, combatendo de forma eficaz o êxodo rural, conservando as características de camponeses, mesmo desenvolvendo a condição de feirantes. Percebe-se que a tradição de vender na feira marcou de forma definitiva a comunidade, quase todas as famílias têm a presença de um mangaieiro em seu clã.

Todos os Sábados em uma parte da feira livre do município de Esperança - PB, há uma verdadeira confraria dos mangaieiros da Gameleira, ali eles se encontram para vender os seus “mangaios”, mas também para colocar as conversas em dia, pois mesmo esses agricultores morando em uma mesma comunidade, não se vêem com frequência durante a semana, mas na feira quando o movimento “afraca” dá pra falar um pouquinho da “vida alheia”.

Considerando que os governos não deram a atenção devida aos camponeses que tanto contribuíram, e ainda contribuem com a alimentação do povo brasileiro, esses vem se reinventando para possibilitar a sua própria existência. E existir como camponês é a vontade de cada um dos que moram no Sítio Gameleira, é tanto que vemos um efeito inverso ao do êxodo rural em toda a região Nordeste, e no Sítio Gameleira isso é ainda

mais contundente, pois as condições financeiras proporcionadas pelas feiras livres têm facilitado a reestruturação dessas famílias novamente no campo.

O camponês é algo tão único que até hoje não foi possível definir se ele é um capitalista, ou se é um estorvo para o sistema, talvez pelo fato de o camponês existir antes da consolidação do modelo capitalista, tem algumas lições para ensinar àqueles que teimam em enquadrar um modelo social e econômico anterior aos conceitos que agora tentam explicá-lo.

Referências Bibliográficas

CAPORAL, F., R. Costabeber, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural: contribuição para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. MDA/ SAF/DATER-IICA, 2004;

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Índice analítico do vocabulário de Os Lusíadas**. 2^a ed. Rio de Janeiro : Presença /INL-MEC, 1991;

GAZOLLA, M.; Schneider, S. **O Processo de Mercantilização do Consumo de Alimentos na Agricultura Familiar**. Porto Alegre, 2004;

PONTES, Beatriz Maria Soares. **A organização da unidade econômica camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx**. Revista NERA Presidente Prudente Ano 8, n. 7 pp. 35-47 Jul./Dez. 2005. Disponível em <http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/07/Pontes.PDF>. Acesso em 17/11/2012.

TAVARES, Inácio de Araújo. **Participação de agricultores no mercado de trabalho não Agrícola no Nordeste e no Brasil**. João Pessoa, 2008.

VISCARDI, Claudia M. R. **História Oral: Educação e sociedade**. Claudia M. R. Juiz de Fora Ed. UFJF, 2006.

Apêndice

QUESTIONÁRIO APLICADO:

DADOS GERAIS:

NOME COMPLETO; IDADE; DATA DA ENTREVISTA;

1. Á QUANTO TEMPO O SENHO COMERCIALIZA NA FEIRA?
2. O SEU PAI COMEÇOU QUANDO?
3. O QUÊ O SENHOR VENDIA NAQUELA ÉPOCA?
4. COMO SURTIU O NOME MANGAIEIRO?
5. POR QUE ESSE TIPO DE PRODUTO NÃO SE VENDE MAIS?
6. NAQUA ÉPOCA O QUÊ SE PRODUZIA PARA VENDER NA FEIRA?
7. QUANDO SEU PAI COMEÇOU A IR PARA A FEIRA, QUAL ERA O TRANSPORTE?
8. OS AGRICULTORES DA GAMELEIRA SEMPRE FOREM MANGAIEIROS?
9. ANTES DE SEU PAI, ALGUÉM MAIS ERA FEIRANTE AQUI NA COMUNIDADE?
10. QUAL A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DA VENDA DO MANGAIO?
11. COMO SERIA A VIDA DE SUA FAMÍLIA CASO NÃO SEU PAI NÃO FOSSE FEIRANTE?
12. COMO ERA A RELAÇÃO DE VOCÊS COM OS CONSUMIDORES?
13. QUAL A DIFERENÇA ENTRE OS QU MORAM NA GAMELEIRA, DOS QUE MORAM EM ÁREAS REMEANESCENTES DE ENGENHOS?
14. O QUÊ O SENHOR PENSA DO FUTURO DA FEIRA?
15. A QUANTO TEMPO O SENHOR VIVE NA COMUNIDADE?
16. O MOTIVOU O SENHOR A VENDER NA FEIRA?
17. COMO ERAM AS VENDAS ATES, E COMO SÃO AGORA?
18. O QUE FEZ A SENHORA DEIXAR O SUDESTE E VIR PARA A PARAÍBA?
19. QUAL É O DIFERNCIAL DOS ALIMENTOS QUE VOCÊS VENDEM?
20. POR QUE É A SENHORA E NÃO O SEU MARIDO QUE VENDE NA FEIAR?
21. QUAIS AS MELHORAS FINANCEIRAS QUE VOCÊ OBTEVE DEPOIS QUA PASSOU A VENDER NA FEIRA?
22. VOCÊ PRETENDE PARAR COM ESSA ATIVIDADE?